



SIMON SCARROW

# O EXÍLIO DO IMPERADOR

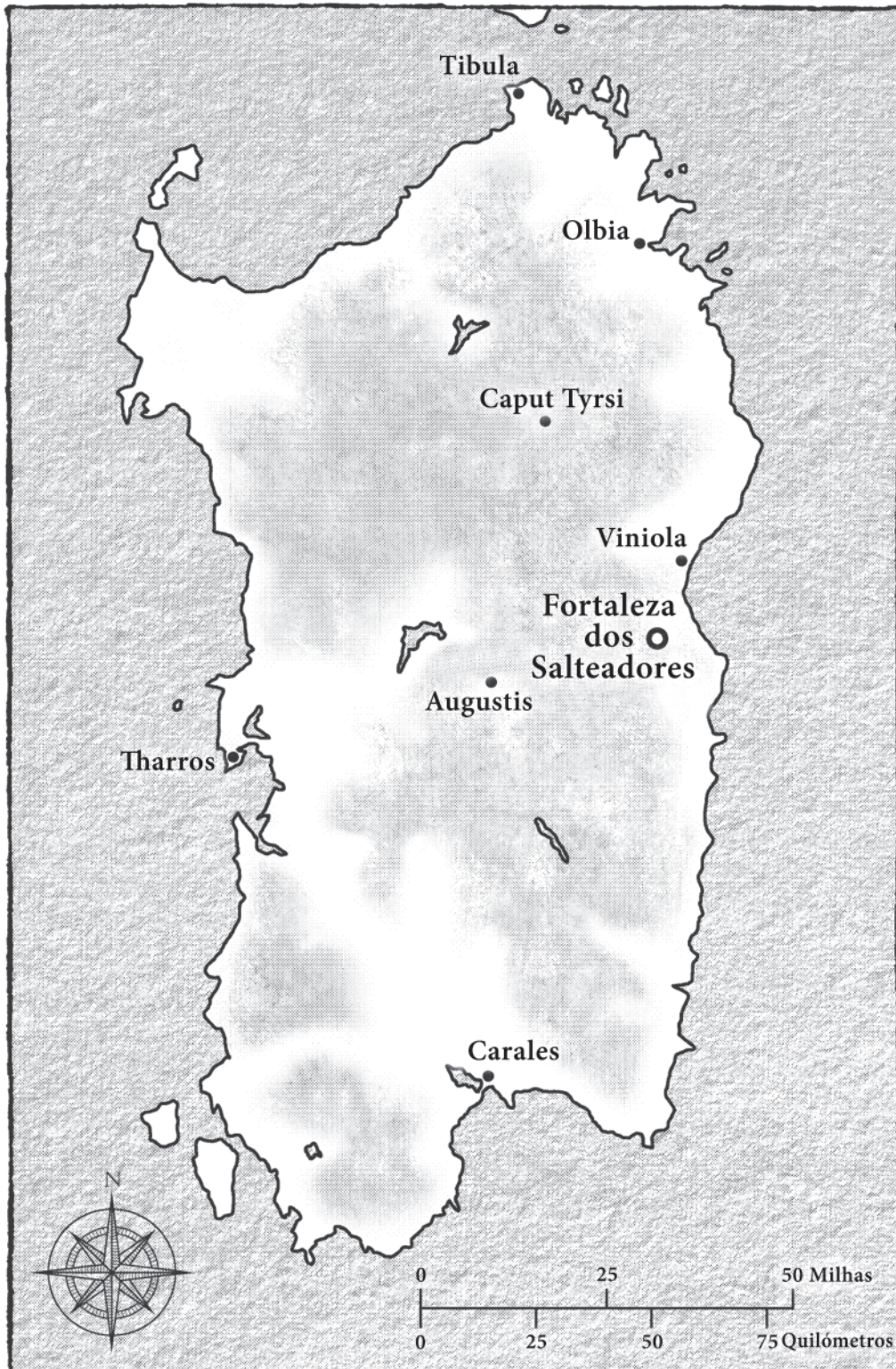
TRADUÇÃO DE JORGE COLAÇO



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Ao meu filho, Nick, no ano do seu vigésimo  
primeiro aniversário e da sua formatura.  
Felicitações, respeito e amor.

# PROVÍNCIA ROMANA DA SARDENHA 57 D.C.



# LISTA DE PERSONAGENS

## **Pretorianos**

***Prefeito Quinto Licínio Cato:*** Um jovem oficial, muito bem colocado

***Centurião Lúcio Cornélio Macro:*** Um veterano próximo da reforma

***Centuriões:*** Inácio, Placino, Porcino, Metelo, oficiais da Segunda Coorte da Guarda Pretoriana, todos eles homens bons e leais

***Optios:*** Pélio, Cornélio, da Segunda Coorte, a caminho da promoção (e de uma província conturbada)

## **Casa de Cato**

***Apolónio:*** Um agente de informações, muito bom no que faz

***Petronella:*** Esposa de Macro, à espera da eventual reforma deste

***Lúcio:*** Filho de Cato, à espera de crescer e de se transformar em Macro

***Croton:*** Camareiro da casa de Cato

***Pollenus:*** Um escravo, anteriormente pertencente ao senador Séneca e por isso visto com justificada suspicácia

***Cássio:*** Um rafeiro de aspeto feroz e coração de ouro

## **Palácio Imperial**

***Imperador Nero:*** Um devasso inútil que governa o mundo romano

***Senador Séneca:*** Mentor paciente de Nero

***Prefeito Burro:*** Conselheiro impaciente de Nero

### **Província da Sardenha**

**Governador Boro Pompônio Scurra:** Um aristocrata indolente promovido muito para além das suas escassas capacidades

**Decianus Catus:** Conselheiro de Scurra; um homem que sabe como puxar cordelinhos

**Decurião Lóculo:** Um soldado da equipa de Scurra

**Cláudia Acte:** Amante de Nero no exílio, e nada contente com isso

**Centurião Maximiliano:** Centurião sénior da Sexta Coorte Gálica

**Optio Mico:** Um jovem oficial corajoso da Sexta Coorte Gálica

**Pinotus:** Um magistrado da cidade de Augustis

**Lupis:** Um antigo caçador transformado em soldado auxiliar

**Calgarno:** Um jovem salteador com mais olhos do que barriga

**Barcano:** O dono de um grupo de mulas que põe o negócio acima da vida

**Vespillo:** Um condutor de mulas que põe a sua vida acima do negócio do seu patrão

**Benicus:** Um chefe dos salteadores, que põe o que pertence aos outros acima da sua ética

**Milopus:** Um pastor que sabe mais do que devia

### **Outros**

**Oleário Rhianarius Probitas:** Dono de uma empresa de transportes de baixo custo

**Prefeitos:** Vestino, Bastílio e Tadeu, comandantes das coortes da guarnição sarda

# 1

*Roma, verão de 57 d.C.*

A vistava-se uma bela paisagem da cidade desde o jardim do Orgulho do Lácio. A estalagem ficava no cimo da pequena elevação próxima da Via Ostense, a estrada que ia desde o porto de Óstia até Roma, a vinte e cinco quilómetros. Uma ligeira brisa fazia sussurrar os ramos de um choupo alto que se elevava a curta distância da estalagem. As mesas e bancos do jardim estavam ao abrigo do clarão asfíxiante do Sol por via de um arranjo de treliças por cima das quais tinham sido orientadas vinhas. O Orgulho do Lácio estava bem situado para tirar partido do comércio que passava por ali. Ao longo da estrada viajavam mercadores e condutores de carroças que transportavam mercadorias para a capital desde todos os cantos do Império, e havia funcionários e turistas a ir e vir do recém-terminado complexo portuário de Óstia. Havia viandantes que deixavam Roma para viajar através do oceano, ou, como no caso do pequeno grupo sentado à mesa com a mais bela vista sobre Roma, regressavam à capital após um período de serviço na fronteira leste.

Eram cinco: dois homens, uma mulher, um rapaz e um cão grande de aspeto feroz. Estavam a ser vigiados de perto pelo proprietário da estalagem enquanto limpava formigas do balcão com um pano velho. Era suficientemente astuto para reconhecer soldados quando os via, com ou sem uniforme. Ainda que os homens envergassem túnicas leves de linho e não as de lã pesada das legiões, deixavam transparecer no seu porte a confiança dos veteranos, e exibiam as cicatrizes de quem já entrara muitas vezes em ação. O mais velho do grupo era mais baixo do que a média, mas de compleição poderosa. O seu cabelo escuro, cortado à escovinha, tinha manchas grisalhas e as suas feições carregadas eram marcadas por sulcos e cicatrizes. Mas tinha rugas em volta dos olhos e dos dois cantos da boca, e um sorriso pronto que indicava bom humor, bem como os sinais de uma experiência duramente conquistada. Tinha cinquenta anos bem vividos, calculou o estalajadeiro, e quase de certeza atingira o final da sua carreira. O outro homem, sentado ao lado do rapaz, também tinha o cabelo escuro, mas era bem uma década

mais novo, talvez andasse pelos trinta e tal. Era difícil ter a certeza pois na sua expressão havia um certo pendor meditativo e uma elegância comedida nos seus movimentos, que revelavam uma maturidade que ia para além da idade. Era tão alto como o seu camarada era baixo e tão esguio como o mais velho era corpulento e musculoso.

Formavam o par mais desencontrado que quaisquer outros dois que o estalajadeiro já vira, mas eram claramente exemplares duros, e ele estava grato por irem apenas no primeiro jarro de vinho e continuassem sóbrios. Esperava que permanecessem assim. Soldados com os copos poderiam estar alegres e ser sentimentais num momento, e ficar zangados e ser violentos no seguinte, à mínima presunção de desconsideração. Felizmente, a mulher e o rapaz constituíam provavelmente uma influência moderadora. Ela estava sentada junto do homem mais velho e deslocou-se para mais perto quando este passou um braço peludo em volta dela. Os seus longos cabelos escuros estavam atados atrás num simples rabo de cavalo e punha em evidência um rosto largo com olhos negros e lábios sensuais. Tinha uma figura cheia e modos simples e igualava os homens a beber vinho, taça a taça. O rapaz tinha cerca de cinco anos, cabelo escuro encaracolado, e a mesma configuração de queixo do homem mais novo, que o estalajadeiro presumiu que fosse o seu pai. A criança possuía uma expressão maliciosa e travessa, e, enquanto os adultos falavam, estendeu a sua pequena mão para a taça da mulher até que ela a afastou gentilmente sem sequer olhar, como fazem as mulheres quando desenvolveram aquele misterioso sexto sentido que lhes vem de criarem filhos. O estalajadeiro sorriu ao atirar o pano para um balde de água turva e foi até junto da mesa deles, mantendo-se distante do cão.

— Vão querer comer alguma coisa, meus amigos?

Ergueram os olhos para ele, e o mais velho retorquiu:

— O que é que tens?

— Há carne guisada. Tiras de porco, quentes ou frias. Há galinha assada, queijo de cabra, pão acabado de cozer e fruta da época. Façam a vossa escolha e eu porei a minha rapariga a preparar-vos a melhor refeição à beira da estrada que alguma vez comeram na Estrada de Óstia.

— A melhor comida ao longo dos vinte e cinco quilómetros? — O homem mais velho riu-se e continuou em tom irónico. — Não seria assim tão difícil pôr isso à prova.

— Deixe estar, Macro — interveio o mais novo enquanto se virava para se dirigir ao estalajadeiro. — Precisamos de uma refeição rápida. Queremos as tiras de porco frias e a galinha com um cesto de pão. Tens azeite e garum?

— Sim, por um pouco mais.

— Não gosto de garum — murmurou o rapaz. — É uma coisa horrível.

O homem mais velho sorriu-lhe.

— Não tens de o comer, Lúcio. Eu ficarei com a tua parte, rapaz.

— Quanto custa?

O estalajadeiro fez um rápido cálculo mental com base no custo dos ingredientes, mas sobretudo com base na qualidade do vestuário dos homens e na probabilidade de eles transportarem consigo as poupanças feitas na última colocação. Por experiência própria, sabia que os homens que regressavam a casa tendiam a estar dispostos a gastar acima dos limites sem armar confusão. Coçou um lado da cabeça e limpou a garganta.

— Posso oferecer-vos uma boa comezaina por três sestércios por cabeça. Incluindo o garum, o azeite e mais um jarro de vinho.

— Três sestércios! — exclamou a mulher com escárnio. — Três? Estás a brincar, amigo. Se pagássemos cinco por tudo, ainda estaríamos a pagar acima do preço.

— Então, vejam bem... — O estalajadeiro compôs as feições numa expressão indignada e deu meio passo atrás. Mas ela cortou-lhe a palavra antes que ele pudesse ir mais longe, espetando um dedo na sua direção e olhando ao longo dele como se estivesse a apontar uma flecha.

— Não! *Tu* é que vais ver, seu fuinha. Compro comida nos mercados de Roma desde que aprendi a andar. Também fui aos mercados da província e aos que há nas ruas de Tarso ao longo dos últimos dois anos. Em lado nenhum vi alguém tentar enganar-me como tu estás a fazer agora.

— Mas... mas os preços aumentaram desde que foram para fora — vociferou ele. — Houve fome na Sardenha, e uma praga, e isso fez com que os preços subissem.

— Tenta outra — disparou ela em resposta.

O homem mais novo não conseguiu deixar de rir. Pegou na mão dela e apertou-lha carinhosamente.

— Tem calma, Petronella. Estás a assustar o homem. Isto sou eu que pago. — Olhou para o estalajadeiro. — Vamos dividir a diferença, em nome da paz e da amizade, hein?

— Então, então — retorquiu o estalajadeiro rapidamente. — Não posso fazer isto por menos.

— Então? — O homem suspirou. — Vamos fazer isto por oito, ou soltarei a Petronella em cima de ti outra vez.



O estalajadeiro olhou com infelicidade para ela e engoliu uma golfada de ar por entre os dentes manchados antes de anuir.

— Oito, então. Mas sem vinho.

— Com vinho — insistiu o outro firmemente, fazendo sumir todos os vestígios de humor da sua voz ao fitá-lo duramente com os seus olhos escuros.

O estalajadeiro soprou, esvaziando as bochechas, depois virou-se e apressou-se em direção à porta por trás do balcão que dava para a cozinha, gritando instruções à sua criada.

— Esta é a minha miúda — disse Macro. — Feroz como uma leoa. Tenho os arranhões que o provam.

— Não deveria ter pagado oito, meu senhor Cato. — Petronella franziu o sobrolho. — É demasiado.

Cato abanou a cabeça, moderadamente divertido por ela de vez em quando ainda se lhe referir como seu senhor. Ele libertara-a há cerca de um ano, depois de o afeto de Macro por ela se ter tornado claro. E agora eram casados e o centurião veterano estava determinado a solicitar a sua dispensa para que os dois pudessem instalar-se numa tranquila reforma. Na verdade, tranquilidade poderia ser uma coisa um pouco mais difícil de alcançar do que Macro presumia, uma vez que em breve rumariam à Britânia, onde ele deveria assumir o controlo de metade do negócio que possuía com a sua mãe. Cato conhecia-a suficientemente bem para ter a certeza de que ela corresponderia à personalidade feroz de Petronella, garra por garra. Se ele avaliava bem o caráter de ambas as mulheres, Macro ia ter muito com que se ocupar. O centurião em breve desejaria voltar para o serviço das legiões e enfrentar algum conflito de algum modo menos temível. Ainda assim, aquela era a escolha dele e não havia nada que Cato pudesse, ou quisesse, fazer acerca disso, agora que o seu amigo tomara a sua decisão. Iria sentir a falta de ter Macro perto de si — iria sentir muito a sua falta — mas ele tinha de encontrar o seu próprio caminho para seguir em frente. Talvez os seus caminhos se voltassem a cruzar no futuro, se Cato fosse mobilizado para o exército na Britânia.

Afastou pensamentos de um futuro distante da sua cabeça e estalou a língua a Petronella.

— Vamos lá deixar de me tratar por senhor. Não sou mais teu senhor ou amo do que o teu marido alguma vez será.

Macro sorriu e fez deslizar a mão para lhe dar uma nalgada gentil. — Domei recrutas muito mais desafiadores do que ela nos meus tempos. Pelos deuses, Cato, foste uma das maiores nulidades em que jamais pus os olhos naquela noite em que apareceste na fortaleza da Segunda Legião.

— E olhem para ele agora — interrompeu Petronella. — Tribuno da Guarda Pretoriana. Ao passo que tu nunca passarás de centurião.

— Cada um é para o que nasce, meu amor. Eu gosto de ser centurião. É aquilo em que sou melhor.

— Aquilo em que *eras* melhor — disse ela, intencionalmente. — Esses tempos acabaram. E será melhor que não tenhas ideias quanto a tratar-me como algum maldito recruta ou vais pagar por isso. — Cerrou o punho e apresentou-o sob o nariz de Macro por um momento, antes de se descontraír.

Lúcio acotovelou Cato.

— Gosto de quando a Petronella se zanga, pai — sussurrou ele. — Mete medo.

Macro soltou uma ruidosa gargalhada.

— É isso mesmo, rapaz! E tu nem sabes da missa a metade. O amor da minha mulher é tão duro como umas botas velhas. — Lançou-lhe um olhar ansioso. — Mas muito mais adorável.

Petronella revirou os olhos e deu-lhe um encontrão.

— Oh, deixa-te disso.

O rosto de Macro assumiu uma expressão séria. Ergueu uma mão para lhe virar a cara para ele e beijou-a suavemente nos lábios. Ela comprimiu-se mais e abraçou-o para o puxar mais para si. Os lábios de ambos permaneceram colados por mais um momento antes de se separarem, e Macro abanou a cabeça, maravilhado.

— Por tudo o que é sagrado, és uma mulher feita para mim. A minha miúda. A minha Petronella.

— Meu amor.. — retorquiu ela enquanto ambos se entreolhavam amorosamente.

Cato tossiu.

— Querem que eu veja se arranjo um quarto a preço decente para vocês os dois?

A comida chegou pouco tempo depois, transportada numa grande travessa por uma criada gorda e atarracada que pingava de suor por trabalhar junto ao fogo, na cozinha. Pousou a travessa e tirou dela as tiras de porco e duas galinhas assadas amontadas num prato de madeira, um cesto de vime com diversos pãezinhos redondos, dois jarros de cerâmica tapados com azeite e garum e um outro com vinho. O tamanho das doses era mais generoso do que Cato esperava, e a sua boa disposição atual fê-lo sentir-se generoso o bastante para dar um sestércio de gorjeta. Ela arregalou os olhos para a moeda

sobre a palma da mão, depois olhou nervosamente por cima do ombro, mas o estalajadeiro estava numa outra mesa, a que outros dois clientes se tinham sentado. Enfiou a moeda no bolso da frente no vestido cheio de nódoas e apressou-se a voltar para a cozinha.

— Ah, isto é que é vida! — disse Macro ao arrancar uma perna de galinha, cravando os dentes na pele crestada e começando a mastigar. — Um belo dia de sol. A melhor das companhias. Boa comida, vinho razoável e a perspectiva de uma cama confortável no fim de tudo. Seria bom tomar um banho quente e mudar de roupa.

— Tenho a certeza de que haverá alguma coisa em casa — respondeu Cato enquanto atirava um pedaço de carne ao cão, que a arrebatou e depois se roçou pela sua mão a pedir mais. Ele sorriu. — Lamento, *Cássio*, não há mais.

Tinham deixado a bagagem em Óstia, onde um dos homens de Cato ficara encarregue de a levar para Roma. Eles estavam a caminho da grande propriedade que Cato possuía no Monte Viminal, um dos bairros mais ricos da cidade. A sua promoção a comandante de uma coorte auxiliar alguns anos antes fora acompanhada da elevação à classe equestre, a classe social imediatamente abaixo da senatorial. Era também um homem de alguns meios, em grande parte graças a terem-lhe sido concedidos os bens e a fortuna do seu antigo sogro, que tinha conspirado contra o Imperador. Os traidores teriam conseguido assassinar o Imperador Nero se não fosse a intervenção de Cato. Como recompensa, todos os bens do senador Semprónio lhe tinham sido entregues.

Era essa a inconstância da fortuna da nobreza de Roma sob o governo dos Césares, pensava Cato. Estava consciente de que aquilo que o Imperador poderia dar, poderia também tirar com a mesma facilidade. Agora que tinha um filho para educar, estava determinado a manter uma perfeita conduta e a sua boa sorte intacta. Não que isso fosse fácil, dado o mau início do conflito com a Pártia ao longo dos dois anos anteriores. Uma tentativa de substituir o governante da Arménia por um simpatizante de Roma conduziu ao desastre, e a revolta de um pequeno reino fronteiriço ameaçara espalhar-se antes de ter sido esmagada. Cato desempenhara o seu papel em ambas as campanhas e agora temia ter de pagar por isso depois de haver entregado o seu relatório no palácio imperial.

Um coro de risos desviou a sua atenção para o estalajadeiro e os seus outros clientes quando o primeiro se virou para gritar um pedido à criada. Depois foi até junto de Cato e dos seus companheiros e esboçou um sorriso animado.

— Digam-me que a comida está tão boa como vos tinha dito, hein?

— É satisfatória — respondeu-lhe Petronella, e fez questão de examinar um dos pãezinhos. — O pão poderia estar mais fresco.

— Foi cozido hoje logo de manhã.

— Pode ter sido cozido logo de manhã, mas não hoje.

O estalajadeiro rangeu os dentes antes de continuar.

— Mas o resto está bom? Mais do que satisfatório, presumo? O que dizes, pequenote? — Afagou os caracóis de Lúcio. O jovem sacudiu-lhe a mão, ao mesmo tempo que mastigava arduamente um pedaço de cartilagem, e levantou os olhos.

Cato engoliu e interveio.

— Servirá perfeitamente.

Apesar dos justificados protestos de Petronella, Cato fazia questão de não aborrecer o estalajadeiro desnecessariamente. Estes homens eram fornecedores úteis de bisbilhotices e informações que angariavam dos comerciantes de passagem, e havia muita coisa que ele ansiava saber acerca da situação em Roma antes de entrarem na cidade. Engoliu apressadamente o naco de pão embebido em azeite que tinha na boca e limpou a garganta.

— Estivemos na fronteira leste durante alguns anos.

— Ah! — assentiu o estalajadeiro. — A lutar contra os cabrões dos partos, hein? Como vai a guerra?

— A guerra? — Cato trocou um olhar com Macro. — Na realidade, ainda não começou.

— Não? A última vez que estive em Roma, os boletins afixados no fórum falavam de uma série de recontros na fronteira. Diziam que lhes tínhamos dado um bom chuto.

— Bem, não podes acreditar em tudo o que lês nos boletins — disse Macro. — A data que lá vem é verdadeira. Quanto ao resto... — Encolheu os ombros.

O estalajadeiro franziu a testa.

— Estão a dizer que os boletins são falsos?

— Boletins falsos? Não necessariamente. Mas não apostaria as minhas poupanças neles.

— Seja como for — resumiu Cato —, temos estado sem contacto com a vida da capital. Há alguma coisa que devamos saber?

— Durante os últimos anos? De quanto tempo dispõem?

— O suficiente para comer esta refeição e depois voltamos à estrada. Por isso, sê breve.

O estalajadeiro coçou a cara enquanto rememorava ideias.

— A grande notícia é que Pallas parece estar de saída.

— Pallas? — Macro ergueu um sobrolho. Pallas era um dos libertos imperiais que Nero herdara de Cláudio e era o principal conselheiro do Imperador. Era uma posição para a qual as capacidades requeridas incluíam espionagem, apunhalamento pelas costas, ganância e ambição, todas as que ele apurara ao mais elevado grau. Só que parecia ter sido apanhado, ou ter encontrado o seu equivalente num dos rivais. — O que aconteceu?

— Foi acusado de conspirar para derrubar o Imperador. O julgamento deverá começar dentro de cerca de um mês. Deve ser um bom espetáculo; ele vai ser defendido pelo senador Séneca. Eu de certeza que iria assistir à diversão, se não estivesse tão ocupado aqui.

Macro desviou o olhar para o amigo.

— Maldito inferno, isso é uma grande reviravolta. Pensei que Pallas tinha o focinho bem metido na gamela. Com o ponto apertado com que tinha costurado as coisas com Agripina — concluiu ele num tom cauteloso.

Cato assentiu enquanto refletia na mudança de poder na capital. Pallas aliara-se a Agripina e ao seu filho Nero nos últimos anos do Imperador anterior. O seu relacionamento com a mãe do novo Imperador não era meramente político. Cato e Macro tinham descoberto o segredo, havia alguns anos, e tinham sabiamente mantido o bico calado. Não que as línguas não badalassessem em volta das mesas dos aristocratas, nem entre os bisbilhoteiros que se juntavam em torno das fontes públicas nos bairros pobres. Mas uma coisa eram os rumores; saber a verdade era uma situação de longe mais perigosa. Parecia agora que as perspectivas de Pallas se estavam a desvanecer. Muito provavelmente de forma fatal. E talvez não apenas para ele.

— Vai ser julgado mais alguém com ele?

— Que eu saiba, não. Poderia estar a agir sozinho. É mais provável que o Imperador tenha a sua fortuna debaixo de olho. Não se é tão rico sem fazer inimigos. As pessoas que se deitaram abaixo no caminho para cima. Ou as que pura e simplesmente têm rancor do nosso sucesso e riqueza. Sabem o que se passa entre as pessoas de qualidade em Roma. Sempre prontas para espetar a faca em... é o que dizem. — Olhou de relance para Cato com um tremor de ansiedade. — Digam lá outra vez o que vos leva a Roma?

— Fomos chamados de volta. Isto é, a minha coorte da Guarda Pretoriana.

— A sua coorte? — O estalajadeiro sorriu debilmente ao perceber que pisara terreno perigoso ao dar a sua opinião acerca dos motivos do Imperador.

— Sou o tribuno no comando. Aqui o Macro é o meu centurião mais

graduado. Embarcámos no primeiro navio que veio para Óstia. O resto dos homens estão no transporte, uns dias mais atrasados, por isso pode ser que tenhas sorte quando passarem por aqui.

— A minha intenção não era criticar os que estão acima de mim. É apenas conversa de rua. Não tinha intenção de ofender.

— Podes estar tranquilo. As tuas opiniões sobre Nero ficam a salvo conosco. Mas, e sobre Agripina? Sabes se ela teve alguma coisa que ver com a acusação a Pallas de conspiração? Quando partimos para a fronteira leste, os dois eram os conselheiros mais próximos do imperador.

— Agora já não, senhor. Como eu disse, Pallas vai ser julgado, e ela caiu em desgraça. O Imperador expulsou-a do palácio imperial e retirou-lhe a guarda pessoal oficial.

— Isso foi Nero que fez? — inquiriu Macro. — A última vez que vi os dois juntos, ela tinha-o completamente nas mãos. Parece que o rapaz finalmente deixou crescer um par de tomates e agora é ele que manda. Que bom para ele.

— Talvez — refletiu Cato. Pela sua experiência do novo Imperador, duvidava de que Nero tivesse tomado tal iniciativa por si próprio. Era mais provável que a sua mão houvesse sido guiada por uma outra facção dentro do palácio. — Então, quem é que aconselha o Imperador hoje em dia?

Embora tivesse sido tranquilizado em relação ao facto de que as suas palavras não seriam usadas contra si, o estalajadeiro baixou a voz.

— Alguns dizem que o poder está agora nas mãos de Burro, o comandante da Guarda Pretoriana. Dele e de Séneca.

Cato digeriu a mexerique e depois arqueou um sobrolho.

— E o que dizem os outros?

— Dizem que Nero é escravo da sua amante, Cláudia Acte.

— Cláudia Acte? Nunca ouvi falar dela.

— Não fico surpreendido, senhor. Pelo menos, tendo estado afastado durante alguns anos. Ela só passou a ser vista na companhia dele nos últimos meses. No teatro, nas corridas e assim por diante. Eu próprio a vi da última vez que estive em Roma. É bonitinha, mas diz-se que é uma liberta e os ricos não gostam disso.

— Posso imaginar. — Cato sabia quão melindrosos eram os senadores mais inclinados à tradição acerca das distinções sociais. Viam o acidente de nascimento que lhes concedera imensos privilégios como uma espécie de direito dado pelos deuses para tratar todos os outros como inatamente inferiores. Os ares de superioridade a que se davam os piores dentre eles mexiam-lhe

com os nervos. Ainda que achassem que a sua merda cheirava melhor do que a dos grandes imundos, não era verdade. Além disso, essa mesma merda tendia a ocupar uma porção maior das suas cabeças do que qualquer matéria residual que fizesse as vezes de miolos. A ideia de um imperador a exhibir ao mundo uma concubina de baixo nascimento e a obrigar esse mesmo mundo a esfregar o nariz nela haveria certamente de pôr os senadores mais sensíveis num frenesim conspirativo. Nero estava a apostar alto, mesmo que não tivesse consciência disso.

— Deixo-o então a terminar a sua refeição, senhor. — O estalajadeiro inclinou a cabeça a Cato e aos seus companheiros e regressou ao seu banco na extremidade do balcão.

Macro bebeu um rápido gole de vinho da sua taça, depois arrotou e sorriu.

— Parece que as coisas em Roma mudaram finalmente para melhor. Com sorte, aquela cobra do Pallas está a caminho do Submundo e não nos causará mais problemas. Vale a pena beber a isso. — Voltou a encher a sua taça e atestou a de Cato. Mas o seu amigo deixou-a sobre a mesa ao mesmo tempo que baixava os olhos pensativamente. — O que é, Cato? Descobriste alguma forma de ver um lado negativo na situação? Porque não celebrar as boas notícias, por uma vez?

Cato suspirou e pegou na sua taça.

— É justo. Mas diga-me, irmão, pela nossa experiência anterior, com que frequência as más notícias se seguem às boas?

— Ah, que se foda o pessimismo e desfruta do vinho, não é melhor?

Petronella deu-lhe uma cotovelada.

— Olha a linguagem! Queres o jovem Lúcio a falar assim?

Macro olhou para o rapaz e piscou-lhe o olho. Lúcio sorriu.

— Esperemos então que eu esteja errado — disse Cato. Ergueu a taça. — A Roma, à nossa casa, e a uma vida tranquila. Merecemo-la.

Havia sempre algum aspeto desconfortável no regresso a casa após passarem alguns anos, meditou Cato ao entrarem na capital e abrirem caminho através das ruas apinhadas. Embora os seus sentidos estivessem completamente dominados pelas vistas, sons e aromas da cidade, havia alguma coisa que parecia estranha e inquietante. Aquela sensação de que tudo continuara a avançar e ele era um estrangeiro no lugar onde tinha nascido e sido criado. Tudo lhe parecia também vagamente diminuído. Um dia, Roma fora o mundo inteiro para ele, vasto e abrangente. Parecera-lhe impossível acreditar que as suas avenidas, templos, teatros e palácios pudessem ser ultrapassados em magnificência, ou o leque dos entretenimentos disponíveis ampliado ou a sofisticação das suas bibliotecas e estudiosos igualada por quaisquer outros no Império ou além dele. No entanto, Cato deixara a cidade, vira por si mesmo a riqueza da Pártia, e a Grande Biblioteca em Alexandria, cujas galerias se estendiam à sombra do alto farol de Paros, mais alto e mais impressionante do que qualquer edifício em Roma. Mas, raciocinou ele, como acontecia com todas as experiências, pareciam menos impressionantes quando se revisitavam. A experiência recalibrava constantemente a perceção da memória de forma a que a recordação do maravilhamento inicial fosse depois sentida como uma ingenuidade um tanto embaraçosa.

Mesmo assim, havia algum conforto em estar imerso no que era familiar. Uma esmaecida sensação de pertença, decidiu ele, era melhor do que sentir-se desenraizado. Apesar do fedor das fossas e dos dejetos na rua, havia um caloroso aroma a pão no forno, a lenha e ao inebriante cheiro a especiarias que vinha dos mercados. Ruas e outras vias públicas de que se lembravam iam-se encaixando à medida que percorriam o seu caminho junto ao palácio imperial, através do Fórum e subindo pelo Monte Viminal, passando pelos blocos de apartamentos apinhados e a desmoronar-se no bairro miserável do sopé da colina. Pegando na mão de Lúcio para garantir que não se separavam na rua estreita e movimentada, Cato baixou o olhar e viu o brilho de



excitação nos olhos do filho enquanto este observava, espantado, as pessoas que se atarefavam à sua volta.

— É claro. Quando deixámos Roma, eras provavelmente demasiado pequeno para te lembrares de muita coisa.

— Eu lembro-me, pai — respondeu Lúcio, desafiador. — Tenho seis anos de idade. Não sou um bebé.

Cato riu-se.

— Nunca disse que eras. Estás a crescer depressa, meu rapaz. Depressa de mais — acrescentou ele, pesaroso.

— Depressa de mais?

— Vais saber o que quero dizer quando fores pai.

— Não quero ser pai. Quero ser soldado.

A expressão de Cato carregou-se quando várias recordações, quer das que dão a volta ao estômago quer as gloriosas, perpassaram pelos seus pensamentos.

— Haverá tempo para isso noutro dia, se é o que realmente queres.

— Quero. O tio Macro diz que vou ser um bom soldado. Tal como tu. E também hei de comandar a minha própria coorte. — Estendeu a mão livre e puxou a túnica de Macro. — Foi isso que disseste, não foi, tio Macro?

— Tens toda a razão, meu rapaz. — Macro fez um aceno afirmativo, segurando firmemente a trela de *Cássio*. Excitado pela opulenta variedade de cheiros e ruídos em torno dele, o cão puxava em todas as direções com a ânsia de explorar. — Ser soldado está-te no sangue. Fará de ti um homem.

Cato sentiu afundar-se-lhe o coração mediante tal perspectiva. Ao invés do amigo, ele não via a guerra como uma oportunidade de procurar glória. Era um mal necessário, na melhor das hipóteses. O último recurso quando todas as tentativas de encontrar soluções pacíficas para as disputas entre Roma e outros impérios e reinos tivessem falhado. E para restaurar a ordem no caso de rebelião ou outro conflito civil. Ele sabia que Macro não tinha muita simpatia pelos seus pontos de vista sobre o assunto e, por isso, os dois raramente abordavam a questão frontalmente. O que era a razão pela qual Cato se sentia irritado pelo facto de Macro encorajar o seu filho. Conhecia o amigo suficientemente bem para compreender que isso não era uma tentativa de usar Lúcio como terreno de batalha para os seus diferentes pontos de vista; era um encorajamento inocente. Isso tornava ainda mais difícil contrariá-lo sem parecer que estava a reagir excessivamente. A distração seria uma melhor estratégia.

— Temos de te encontrar um tutor assim que estejamos instalados, Lúcio.

O rapaz pôs uma expressão carrancuda.

— Não quero um tutor. Quero brincar com o tio Macro e a Petronella em vez disso.

Cato suspirou.

— Sabes perfeitamente bem que eles deixarão Roma em breve. Precisarás de alguém que tome conta de ti e que inicie a tua educação, quando Petronella já não estiver por perto.

Ela lançou-lhe um olhar sombrio.

— Ensinei-lhe as letras e os números, senhor. E alguma leitura.

— Claro. Peço desculpa... Obrigado. Não vai ser fácil substituir-te.

Ela assentiu, apaziguada.

— Verei se consigo arranjar alguém em que possa confiar. Vou perguntar nas outras casas do Viminal. Deve haver alguém que possa tomar o meu lugar.

— Meu amor — Macro sorriu —, ninguém pode tomar o teu lugar. Ora, tu és praticamente uma segunda mãe para o rapaz.

— Não quero que ela se vá embora — murmurou Lúcio, baixando os olhos. — Eles não podem ficar?

— Já falámos disso, filho — replicou Cato. — Eles têm de viver a sua própria vida.

— Não os podes obrigar a ficar, pai?

— Obrigar? — Macro soltou uma ruidosa gargalhada. — Queria ver alguém obrigar a Petronella a fazer alguma coisa. Pagaria bom dinheiro para o ver ser reduzido a pó.

Viraram na rua onde ficava a casa de Cato. Havia pequenas lojas de ambos os lados, arrendadas pelos donos das propriedades maiores que se encontravam por trás. Quase no final da rua, viam-se uns quantos blocos de apartamentos, que davam lugar às casas de vizinhos mais ricos. As entradas para as propriedades maiores eram entre as lojas e apresentavam grandes portas cravejadas de tachas para a rua. Quando alcançaram a casa de Cato, a meio do caminho, ele viu que o dono da loja de ferragens e o padeiro, que lhe arrendavam as suas instalações, ainda estavam a trabalhar, de cada um dos lados de um modesto lanço de escadas que subia da rua até à porta da frente. Deteve-se brevemente para admirar as madeiras e as tachas de bronze, limpas e bem conservadas, e depois subiu os degraus e bateu a aldraba com força.

Um instante depois, o estreito postigo foi corrido e um par de olhos inspecionou-o brevemente através do gradeado até que uma voz abafada perguntou:

— O que pretende?

— Abre a porta — ordenou Cato, com impaciência.

— Quem é você?

— O tribuno Quinto Licínio Cato; agora abre.

Os olhos semicerraram-se antes de o guardião da porta responder.

— Um momento.

A portinhola chocalhou ao ser fechada novamente e Cato virou-se para os outros.

— Deve ser um novo guarda-portão. Ou então eu mudei mais do que pensava desde que estivemos a última vez em Roma.

A portinhola deslizou de novo e um homem mais velho apareceu atrás do gradeado. Um olhar de relance foi suficiente; os ferrolhos do outro lado foram puxados e a porta abriu-se, revelando Croton, o camareiro da casa. Fez uma rápida vénia e sorriu prontamente ao afastar-se para o lado para deixar Cato e os outros entrarem.

— Senhor, enche o meu coração de alegria ver regressar todos. Não fazíamos nenhuma ideia de que estavam a caminho de casa.

— Só desembarcámos em Óstia ontem. Estamos na estrada desde o nascer do dia.

Croton rapidamente ultrapassou a sua surpresa ao fechar a porta e deixar lá fora os ruídos da rua. No silencioso pátio da entrada o único som era o tinido da fonte no átrio mais distante.

— Terei os quartos de dormir e as salas de estar preparadas imediatamente, senhor. E vai precisar de comida após essa viagem.

— A comida pode esperar — interrompeu Cato. — O que queremos já é um banho e roupas lavadas. Acende o lume dos banhos e depois cuida das outras coisas.

Croton envolveu-os num olhar e empinou um sobrolho.

— E a sua bagagem, senhor?

— Vem a caminho pelo rio desde Óstia. Deve chegar a casa amanhã. Estará a cargo de um homem chamado Apolónio. Ficará aqui em casa conosco, por isso tem um quarto pronto também para ele.

— É uma pena — disse Macro entre dentes. Não tinha grande afeto pelo espião que servira de guia a Cato durante a sua recente missão à Pártia e que concordara em ficar ao serviço do tribuno quando a coorte pretoriana regressou a Roma. Não que restassem muitos homens na unidade, meditou ele. Não mais de uma centena e meia, dos originais seiscentos ou perto disso, sobrevivera às batalhas dos últimos dois anos. Apesar de o seu estandarte ter

adquirido várias condecorações pela sua valentia, demoraria algum tempo até que a coorte fosse reconstituída, readquirisse a sua antiga capacidade e ficasse novamente pronta para entrar em combate. Não que Macro fosse estar envolvido nisso. Por um momento sentiu remorsos e teve saudades da carreira e dos irmãos de armas que deixaria para trás quando partisse para a Britânia. Sobretudo de Cato.

Macro estivera presente quando Cato chegara à fortaleza da Segunda Legião no Reno, escanzelado, encharcado e a tremer. Tornara-se, com relutância, mentor do jovem, acabando por se dar conta de quão prometedor este se mostrara depois de ultrapassar os nervos e se transformar num bom soldado. Desde esse momento, Cato servira sob o comando de Macro, então com um posto igual ao seu, acabando por ser promovido a um posto superior. Ao longo dos últimos quinze anos, tinham sido absolutamente inseparáveis, servindo nas fronteiras do Império. Em breve se iriam separar, e dada a distância envolvida, era provável que nunca mais se vissem. Essa era uma verdade difícil de suportar.

Era um fraco consolo saber que Apolónio estaria ao lado de Cato em todas as campanhas que se seguissem. Macro não confiara no espião desde o início. Apolónio tinha sido incumbido pelo general Corbulo de guiar Cato na sua missão à Pártia. Era magro e a pele da sua cabeça escanhoadada pegava-se-lhe ao crânio tão justamente que parecia o espírito de um defunto. Os seus olhos fundos dardejavam e nada escapava à sua inteligência acutilante. De forma irritante, a mesma inteligência acutilante troçava dos que tinham menos erudição e velocidade de pensamento. Se alguma vez a expressão «tem a mania que é esperto» foi merecida, certamente Apolónio era o primeiro da fila. Não que o liberto grego não tivesse traços que o redimissem, Macro reconhecia o facto. Havia poucos que se lhe comparassem com a espada, e era um bom lutador para se ter do nosso lado. Pela mesma razão, nunca se lhe viraria as costas de boa vontade. Havia qualquer coisa nele que tornava Macro naturalmente suspicaz, e já vivera o suficiente e já conquistara bastante experiência à sua custa para confiar nesse género de instintos.

Enquanto Croton os conduzia aos seus aposentos, Macro colocou-se ao lado do amigo e falou em voz baixa.

— Não tenho a certeza se teria assim tanta vontade de ter Apolónio por perto se estivesse no teu lugar, irmão. Ele é da mesma laia de Pallas e Narciso e de todos aqueles outros libertos gregos capazes de apunhalar pelas costas.

Cato esboçou um sorriso apertado. Tal como muitos romanos, Macro inclinava-se a olhar para os Gregos como uma raça predisposta à extravagância

intelectual e à intriga. Era uma percepção preguiçosa que nada mais fazia que lisonjear a crença romana na sua própria franqueza e superior integridade. Em todos aqueles anos juntos, Cato não conseguira alterar a posição do amigo, e era já demasiado tarde para qualquer nova tentativa.

— Apolónio provou a sua valia na Pártia. Eu não estaria vivo se não fosse ele.

— Ele queria salvar a sua própria pele. Que tenha salvado também a tua foi uma mera consequência.

— É uma forma de ver a coisa... Seja como for, estou decidido. Vou alistá-lo na coorte para assumir o comando do pessoal do quartel-general. Veremos então o que acontece. Mas acho que está enganado acerca dele.

— Veremos. Odiaria ser eu a dizer-te que te tinha avisado.

Cato olhou de relance para o amigo e sorriu.

— Não, não odiaria.

Passaram pelo átrio com o seu pequeno lago ao ar livre e depois continuaram ao longo da passagem para os seus aposentos que davam para o jardim murado nas traseiras da propriedade. O senador Semprónio orgulhara-se do claro desenho das suas cercaduras e canteiros de flores, e Cato sorriu quando viu que Croton e a sua pequena equipa tinham cuidado bem deles durante a sua ausência.

— É bom estar em casa — refletiu ele. — É de facto bom. Talvez eu seja capaz de criar Lúcio ao mesmo tempo que cumpro os meus deveres no campo pretoriano.

— Terás imenso tempo à tua disposição — disse Macro. — Só tens de deixar o trabalho de puxar o lustro para os centuriões e desfrutar da farda para as cerimónias imperiais. — Olhou para Cato pensativamente. — Porém, atrevo-me a dizer que daqui a um ano vais estar ansioso por regressar ao serviço ativo.

Cato abanou a cabeça.

— Não me parece. Tive que chegue para algum tempo. Quero ter alguma paz e passar tempo com o Lúcio.

Virou-se e pousou a mão sobre o ombro do filho.

— O que achas disso, meu rapaz? Não faltam coisas para nos manter felizes aos dois. Teatro, livros, caça no campo. A arena, corridas de bigas e quadrigas.

— Corridas de quadrigas! — O rosto de Lúcio animou-se. — Vamos fazer isso! Quero ver as quadrigas.

— Muito bem, então — respondeu Cato. — Iremos o mais cedo que seja

possível. Nós os quatro. Mas, agora, vamos tomar um banho e vestir roupas limpas!

— Tenho de tomar banho, pai?

— Claro que tens. — Petronella riu-se ao pegar-lhe na mão. — Vem comigo, senhor Lúcio. Tu e eu podemos ajudar Croton a acender o lume nos banhos.

Quando os dois se encaminharam através do jardim, Cato e Macro ficaram a observá-los.

— Ela vai sentir falta do rapaz — disse Macro. — Vamos ambos. — Sentiu que uma disposição melancólica se apoderava deles e franziu o nariz com aversão. Era preciso uma mudança de assunto, decidiu ele. Deu uma palmada nas costas do amigo. — Vinho! Tem de haver vinho bom em casa. Vamos descobrir um jarro e sentar-nos a beber junto da fonte enquanto esperamos. Vem, irmão. Vamos lá caçá-lo!

No dia seguinte, ao meio-dia, Cato estava sentado num banco do lado de fora do gabinete do prefeito Burro, o comandante da Guarda Pretoriana. Fora sumariamente cumprimentado e submetera o seu relatório antes de o mandarem esperar ali fora, enquanto Burro examinava o documento. Não ia proporcionar uma leitura agradável, pensou ele. A sua coorte tinha sido enviada para leste para servir como guarda pessoal do general Corbulo. Como tal, não houvera nenhuma expectativa de que se envolvessem em qualquer espécie de combate; regressariam para Roma ilesos quando fossem chamados. Mas devido à falta de guardas disponíveis para Corbulo, Cato e os seus homens tinham sido encarregues de encabeçar uma missão para instalar um candidato romano no trono da Arménia. A importância estratégica do pequeno reino era tal que o território fora disputado ao longo de cem anos, oscilando entre o controlo romano e o parto. Desta vez, os romanos haviam sido derrotados e o rei que tinham tentado impor aos arménios fora capturado e executado antes de Cato e os seus homens terem sido enviados de volta a Corbulo, humilhados.

Corbulo tinha dado a isso a menor importância possível, temendo com razão que um tal contratempo levasse à sua substituição como comandante dos exércitos do Leste. Recusara-se a deixar Cato e os seus homens regressarem a Roma, e depois desrespeitara uma mensagem que mandava a coorte juntar-se novamente ao resto da guarda no campo fora das muralhas da capital. Constituía um desafio descrever a curta campanha sem lançar uma sombra sobre a reputação de Corbulo e do próprio Cato, embora este tivesse feito o melhor que podia com as escassas forças de que dispunha. Nem Burro iria ficar contente com a rebelião subsequente na cidade de Thapsis, nas montanhas perto do quartel-general de Corbulo, em Tarso. Os soldados romanos tinham tido de suportar um inverno duro e um motim, que fora esmagado com considerável dificuldade e perda de vidas. Nada disto iria enaltecer Corbulo e aqueles que o serviam junto do Imperador. O único aspeto do

relatório que poderia agradar a Nero e aos seus conselheiros era a informação que Cato reunira sobre o terreno e a situação política no interior da Pártia enquanto liderava uma embaixada aos Partos às ordens de Corbulo.

Erguendo-se do banco e esticando os ombros, Cato ajustou o suporte da medalha que lhe pendia sobre o peitoral polido. Aparecera com o seu melhor uniforme para se apresentar no quartel-general, e agora arranjava cuidadosamente a capa cor de vinho para que ela lhe caísse dos ombros impecavelmente pregueada. O funcionário sentado à secretária ao lado da porta que dava para o gabinete de Burro levantou os olhos, e trocaram um olhar até que o outro aclarou a garganta.

— Quer que lhe traga alguma coisa fresca, senhor? Está um dia quente.

Estava, realmente. Excepcionalmente quente, mesmo para julho. A transpiração já lhe formigava sob a franja e ao longo das costas. Abanou a cabeça.

— Estou ótimo, obrigado.

O funcionário baixou a cabeça e continuou a trabalhar nos números que tinha nas suas tabuinhas enceradas enquanto Cato ia até à janela e olhava através do pátio para o edifício do quartel-general. Tinha uma visão nítida, para lá do telhado, das salas com colunatas que rodeavam um espaço aberto, suficientemente grande para uma formatura de um milhar de homens. Mais para além, ficavam os blocos das casernas, a muralha do campo e depois uma dispersão de templos, palácios, fóruns, quarteirões residenciais apinhados com os habitantes mais pobres da cidade e as casas mais amplas dos ricos. O vasto volume do complexo do palácio imperial, que cobria o Monte Palatino, dominava o horizonte. Os ruídos da cidade ficavam reduzidos a um vago burburinho que chegava através das muralhas do campo, e mais perto dele pôde ouvir um centurião a berrar insultos aos seus homens enquanto os passava em revista. Ao longo do pátio, funcionários e oficiais iam de gabinete em gabinete ao longo da colunata; apenas as sentinelas de serviço estavam à torreira do sol, e as suas minguadas sombras delineavam-se com nitidez contra as lajes do pavimento. Todos estavam imaculadamente vestidos e equipados, e Cato ficou impressionado pela tranquila sensação de ordem e decoro, tão longínqua das suas recentes experiências de derramamento de sangue, fome, lama e imundice, frio gélido e o perigo sempre presente na fronteira, para além da qual se estendiam as terras da Pártia, o mais formidável inimigo de Roma.

Os seus pensamentos regressaram ao homem que estava a ler o seu relatório na sala ao lado. Como é que Burro reagiria às palavras que Cato escolheira com todo o cuidado para descrever a situação na fronteira leste? Aceitaria



que Corbulo estava a lidar com as dificuldades, confrontando-o o melhor que podia, e que o papel de Cato nos acontecimentos era isento de culpa? Ou procuraria censurar o comandante de uma coorte que regressara a Roma com menos de um terço dos seus homens apto para o serviço? O que acontecesse a seguir era crítico para a carreira futura de Cato. Haveria uma possibilidade de defender o seu desempenho assim que Burro o chamasse; era vital que o prefeito estivesse convencido a apoiar a sua versão dos acontecimentos quando o relatório fosse passado ao Imperador e os seus conselheiros no palácio. Tinha noção de que Burro tivera por si uma elevada consideração no seguimento do papel que Cato tivera na desmontagem de uma conspiração para derrubar Nero, nos primeiros tempos do reinado deste, e colocar o filho natural do Imperador anterior em seu lugar no trono. A conspiração fracassara; o usurpador, Britânico, e o resto dos cabecilhas estavam mortos. Mas Cato sabia que a gratidão era uma qualidade fugaz no mundo fervente da política romana. Burro poderia ter seguidores que queria promover em vez de Cato.

Ouviu-se um clique na porta quando o manípulo rodou e ela se abriu para revelar Burro. Era um homem atarracado com cabelo escuro e oleoso, cuidadosamente arranjado para ocultar o mais possível a sua calvície prematura. Envergava uma túnica de seda bordada a fio de prata, cujo desenho formava folhas de carvalho que lhe subiam pelas mangas e em volta da gola. Botas de couro vermelho pelo joelho adornavam-lhe os pés. Como já tinham trocado breves saudações, não disse nada, mas fez sinal para Cato se lhe juntar no interior do gabinete, e depois virou-se e desapareceu de vista.

Apressando-se em direção à porta, Cato atravessou-a e fechou-a atrás de si. O compartimento que se abria diante dele ocupava toda a largura da extremidade do bloco administrativo e estava cheio de bancadas e bancos para quando o prefeito precisava de instruir os seus oficiais. Havia um espaço aberto diante da secretária de nogueira, atrás da qual Burro se instalava num assento almofadado, de costas para as duas janelas abertas na parede do fundo. Tinha o relatório, escrito num pergaminho que se mantinha desenrolado com a ajuda do peso de um tinteiro e de uma adaga, diante dele. Não convidou Cato a sentar-se, e cruzou as mãos enquanto olhava fixamente para o seu subordinado. Houve um silêncio tenso antes de ele limpar a garganta.

— Tenho de dizer que acho difícil enquadrar o que está aqui escrito com o que dizem os relatórios bastante mais otimistas que Corbulo tem enviado de Tarso. Dito isto, está mais próximo, de um modo geral, das informações que nos têm sido fornecidas pelos espiões imperiais que servem junto do general. Eles confirmam o que dizes acerca do nosso pretense rei da Arménia.

Parece que Rhadamistus é, era, um homem impulsivo e perigoso. É possível que nos pudesse ter causado mais problemas se tivesse conseguido recuperar o trono, por isso a sua perda poderá ser o contratempo menos importante. Mas nunca iremos saber.

— Não, senhor.

— O que nos leva à tua condução da missão. Pareces relutante em censurar Corbulo por não te dar homens suficientes para levar a cabo o teu trabalho.

Burro fez uma pausa suficientemente comprida para indicar que queria uma resposta. Era tentador concordar com ele em que alguns milhares de homens era bastante menos do que Cato achava necessário para garantir o êxito, mas não estava preparado para enfraquecer Corbulo. O general era um bom soldado e dificilmente seria culpa sua que as forças colocadas ao seu dispor fossem inadequadas para defender a fronteira leste, já para não falar de invadir e conquistar a Pártia. Merecia a lealdade de Cato.

— O general atribuiu ao meu comando tantos homens quantos ele achou prudente, senhor.

— Prudente? — Burro sorriu friamente. — Mas qual seria a tua estimativa de prudência?

— Senhor?

— Quantos homens achavas serem necessários para garantir o trono a Rhadamistus?

Cato inclinou a cabeça para indicar o relatório.

— Como terá lido, tínhamos homens suficientes para tomar a capital e fazer dele rei.

— Só que as vossas forças combinadas foram vencidas pelos rebeldes em batalha apenas um mês depois. Foi bom o inimigo ter poupado o que restava da tua coluna como oferta de paz a Roma de forma a que pudéssemos aceitar a sua neutralidade. — Burro suspirou. — Acredita, tribuno, que eu compreendo quão limitados são os recursos de Corbulo. Mas a situação não era tão terrível que tivesse de te enviar a ti e aos teus pretorianos numa missão de vida ou morte. Perdeste para cima de trezentos da nata do Imperador. Isso não vai agradar a Nero, posso garantir-te. Especialmente porque deveriam apenas agir como guarda pessoal e dar algum peso à sua autoridade. Não havia qualquer intenção de que fossem enviados para o campo de batalha.

— É essa a finalidade dos soldados, senhor — atreveu-se Cato a dizer.

— Não me venhas com lições, tribuno! — retorquiu Burro de imediato. — Dos soldados vulgares, sim. Mas os pretorianos são retidos como arma de

último recurso. Podem ser os melhores soldados do exército, mas é precisamente essa a razão pela qual não devem ser desperdiçados em coisas secundárias como a Arménia, ou a reprimir levantamentos em cidades obscuras nas colinas de que dificilmente qualquer pessoa civilizada alguma vez ouviu falar. Eu nem sequer sabia da existência de Thapsis até ter desejado que não existisse. Corbulo excedeu a sua autoridade ao lançar a tua coorte para o terreno, como ele fez. Não posso fazer nada acerca disso; cabe a Nero lidar com o general, como ele achar adequado. Contudo, tu também tinhas ordens. Deverias ter protestado quando Corbulo disse que te ia enviar para a Arménia. Como teu oficial no comando, esse é um assunto acerca do qual eu *posso* fazer alguma coisa.

Descruzou as mãos e pousou as palmas sobre o relatório ao inclinar-se para diante para se dirigir a Cato num tom formal.

— Tribuno Cato, a minha decisão é retirar-te o teu comando enquanto aguardo uma investigação completa sobre a tua conduta em serviço na fronteira leste.

Aí estava, pensou Cato com amargura. A recompensa pelos seus longos anos de serviço a Roma. Não deveria constituir uma surpresa, disse para si mesmo, mas as palavras de Burro magoaram-no profundamente.

— O teu centurião sénior, Macro, deve assumir o comando imediatamente — continuou Burro.

— Devo dizer-lhe que o centurião Macro tenciona pedir a dispensa de serviço imediata, senhor. Eu rubriquei o seu pedido. Submetê-lo-á a si nos próximos dias.

— Isso é uma pena — grunhiu Burro. — Bem, nesse caso, Macro assume o comando enquanto o pedido é processado e eu encontro alguém para te substituir. Entretanto, não deverás deixar Roma sem a minha autorização. Tens alguma coisa a dizer em relação à minha decisão?

A mente de Cato desbobinou todas as coisas que *poderia* dizer. A principal de entre elas era a sua amarga indignação por ser tratado tão injustamente depois de fazer o que sempre fizera: servir os melhores interesses de Roma tão bem quanto podia, segundo as ordens dadas pelos seus superiores. Mas não daria ao prefeito a satisfação de ver a sua raiva e ressentimento. Além disso, precisava de tempo para pensar e planear a defesa dos seus atos para submeter à investigação. Assumindo que lhe era dada a possibilidade de apresentar o seu lado da história.

Inspirou calmamente.

— Não neste momento, senhor.

Burro observou-o atentamente, depois aquiesceu.

— Estou a ver. Nesse caso, este nosso assunto está terminado. Perdes o posto de tribuno imediatamente e quero que abandones o campo pretoriano sem demora. Não te é permitido pões os pés dentro dele sem a minha expressa autorização. Se tiveres quaisquer pertences que tenham ficado na caserna da coorte, podes arranjar maneira de te serem entregues em casa. Serás informado do progresso da investigação e de qualquer ação posterior que possa ser tomada contra ti. Compreendes?

— Sim, senhor — retorquiu Cato, por entre os dentes cerrados.

— Muito bem, estás dispensado. — Burro indicou-lhe a porta com um gesto breve da mão e baixou os olhos enquanto removia os pesos improvisados de cima do pergaminho, recusando-se a enfrentar por mais tempo o olhar de Cato.

Cerrando os maxilares, Cato virou-se e afastou-se a passos largos, com o coração cheio da fúria que lhe ardia nas veias, quando a vergonha pela forma como fora tratado o atingiu em pleno, com uma dor quase tão real como a de qualquer dos ferimentos que sofrera durante os seus quinze anos ao serviço de Roma.

— Demitido do comando? — Macro arregalou os olhos com incredulidade.  
— Estás a gozar comigo?

Cato acomodou-se sobre o banco de mármore ao lado do amigo e olhou para a miríade de pequenas ondas que cruzavam a superfície do lago à medida que a água da fonte esguichava sobre ela. Inspirou profundamente e suspirou amargamente.

— Receio que seja verdade, Macro. As ordens do prefeito são para assumir o comando até ser nomeado um tribuno para me substituir. Duvido que isso vá demorar muito tempo, dada a quantidade de aristocratas que procuram energicamente um posto na Guarda Pretoriana. — Olhou longamente para Macro de viés. — Lamento ser a causa do atraso da sua dispensa de serviço, irmão.

— Que se lixe o teu lamento — replicou Macro. — O que, em Hades, Burro acha que está a fazer? Ele deu as suas razões?

Cato assentiu.

— Mais ou menos. Era o que eu temia. Os conselheiros do Imperador souberam que as coisas não estão a correr tão bem a Corbulo como ele fez crer. Querem alguém que sirva de exemplo para que Corbulo perceba a mensagem: entrega um sucesso ou enfrenta as consequências. — Curvou-se

para apanhar um seixo e atirou-o a um nenúfar na base da fonte. — A minha posição não é ajudada pelas perdas que a coorte sofreu. E quando entrarem no campo, as suas reduzidas fileiras vão fazer erguer alguns sobrolhos. Vai correr o rumor de que eu sou apenas mais um oportunista, determinado a ascender de posto em posto, não importa quantos dos meus homens isso custe.

— Isso é treta. Alguns podem murmurar, mas quando souberem a história toda, irão compreender.

— Pergunto-me quanto tempo é que isso vai demorar? Sabe como é, irmão. Uma mentira viaja mais depressa que a verdade e faz mais estragos quando atinge o alvo. Quando, ou se, a verdadeira história do que aconteceu na fronteira leste for conhecida, será demasiado tarde. O meu substituto estará firmemente no meu lugar e eu teria de passar anos preso em Roma à espera de um novo comando. E dada a sombra de dúvida que paira sobre mim, posso nunca vir a ser autorizado a voltar ao exército. Os meus dias como militar podem ter chegado ao fim.

— Pfft! — fungou Macro. — Com o teu historial, ninguém vai deixar que desperdices o teu talento.

Cato encolheu os ombros.

— Espero que tenha razão. Mas, dada a natureza da gente que toma decisões em Roma, a política está sempre acima da razão... É melhor apresentar-se a Burro assim que puder. Ele vai provavelmente querer interrogá-lo acerca do conteúdo do meu relatório e ver se há discrepâncias que possa utilizar.

— Utilizar? Utilizar para quê?

— Vai haver uma investigação sobre a forma como eu dirigi a coorte. O prefeito começará a reunir provas tão rapidamente quanto possível. Ele quer ser visto a atuar rápida e severamente sobre um oficial que perde tantos dos melhores soldados de Nero.

— Então tens de defender a tua posição. Farei o que estiver ao meu alcance para ajudar. O mesmo vale para os outros centuriões e para os homens. Falaremos a teu favor. Eu esclarecerei tudo com Burro.

— Limite-se a dizer-lhe a verdade, Macro. E seja breve e conciso. Não quero que seja apanhado nisto por dizer alguma coisa que poderia ser usada contra si mais tarde. Eu sei que em breve estará a caminho da Britânia, mas como ambos sabemos, se fizer inimigos em Roma, o alcance deles não tem limites. Caçá-lo-ão onde quer que esteja. O mesmo vale para o resto dos rapazes. É melhor avisá-los quando eles nos alcançarem.

— Já nos alcançaram. Os navios chegaram ontem a Óstia, ao final da

tarde. Apolônio viu-os chegar quando estava de partida com a bagagem. Ele chegou depois de teres partido para o campo pretoriano.

Cato olhou em volta.

— Onde está ele?

— Nos banhos. — Macro sacudiu um polegar sobre o ombro. — Está lá desde então. Típico dos malditos Gregos, a preguiçar sempre que têm algum pretexto para isso.

— Ele tem os seus hábitos. — Cato pôs-se de pé e esboçou um sorriso forçado ao estender a mão. — Suponho que deveria felicitá-lo pela promoção, por mais brevemente que esteja no comando da coorte. Tribuno interino Macro. Soa bem, não acha?

— Não, não acho, porra — grunhiu Macro, recusando-se a aceitar a mão de Cato. — Não está certo. A situação é mais fodida do que um boi excitado com o cio. Deverias lutar contra isto. Eu apoiar-te-ei em tudo.

— Eu sei que sim. Mas, por agora, faça o seu trabalho enquanto esperamos que a investigação siga o seu caminho. Vai ser tramado ser dispensado tendo alcançado o posto de tribuno, hein?

— Estava perfeitamente feliz como centurião.

— Eu sei. Mas esta é a vida no exército para si. Raramente se sabe o que o destino nos põe à frente do caminho. Porém, uma coisa é certa. Se não mexer esse cu e não se apresentar a Burro, pode ser que também haja uma vaga para a posição de centurião sénior interino.

Cato dirigiu-se para os banhos ao fundo do jardim. Um dos escravos, um homem corpulento vestido apenas com uma tanga, estava ocupado a atirar troncos partidos para a fornalha com o suor a brilhar-lhe ao longo das suas largas costas. Saía fumo da chaminé na extremidade do edifício. Era uma estrutura modesta comparada àquelas que Cato já tinha visto nas casas mais ricas da capital, mas proporcionava calor e quartos quentes, banho de vapor e uma pequena piscina para mergulhar disposta em volta do vestíbulo que servia de vestiário, onde havia uma quantidade de pesos pousada sobre um suporte. Deteve-se por um instante ao lado do escravo, e o homem endireitou-se apressadamente e inclinou a cabeça assim que teve noção da presença do seu amo.

— Não te reconheço — disse Cato. — Quem és tu?

— Pollenus, senhor.

— Há quanto tempo fazes parte do pessoal da casa?

— Há sete meses, senhor. Croton comprou-me no mercado de escravos quando o jardineiro anterior morreu. Cuido do jardim e dos banhos.

A voz tinha um nítido sotaque. Não um que Cato reconhecesse, mas ele tinha decerto sido criado em Roma ou nos seus arredores. Cato assentiu.

— Como sabes que sou o teu senhor?

— Estava no jardim, ontem, quando chegou. Croton indicou-o, senhor.

— Compreendo. Boas-vindas atrasadas, então, Pollenus. Cumpre o teu dever e serve-me com lealdade e viveremos bem um com o outro.

— Sim, senhor. É o que farei — retorquiu Pollenus categoricamente, e Cato perguntou-se se notara um vestígio de ressentimento na voz do homem, ou se talvez o tinha imaginado.

— Quem era o teu anterior dono?

— O senador Séneca, senhor.

— Séneca? Porque te vendeu?

— Discordámos sobre o abatimento de umas árvores no jardim, senhor.

— Tu discordaste? — Cato arqueou uma sobrancelha. — Atraveste-te a discordar do senador?

— Sim, senhor. E fui açoitado por isso antes de me levarem para ser vendido.

— Então acredito que tenhas aprendido a lição. Ser escravo é como ser soldado. Ambos devem obedecer a ordens. Se te queres conservar cá, não me desafiarás do mesmo modo que desafiaste Séneca. Se escolheres repetir a ofensa, voltarás outra vez para o mercado de escravos. Cumpre bem os teus deveres aqui e serás bem cuidado e tratado justamente. Faço-me entender, Pollenus?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Continua.

Cato entrou no vestiário e viu as roupas de Apolónio muito bem arrumadas em cima de uma bancada, ao lado das suas botas. Desapertou o fecho da capa e depositou-a dobrada num pequeno banco de madeira. Embora ele fosse um amo tolerante para o punhado de escravos que possuía, esperava o mesmo deles tal como fazia em relação aos homens que tinha sob o seu comando. Fez uma pausa e sorriu, corrigindo-se: aos homens que *costumava ter* sob o seu comando. Resolveu dar uma palavra a Croton acerca do novo escravo. Se Pollenus se instalara ali em casa e não causava problemas, tudo estava bem. Caso contrário, ficaria o aviso de que, se houvesse qualquer problema com o seu comportamento, seria vendido. Em qualquer caso, apesar do que o escravo afirmara ser a razão para ter deixado a casa anterior, o facto de se ter encontrado ligado a Séneca justificava que fosse tratado com suspicácia, por enquanto. Logo que se encontrou nu, Cato tirou uma das túnicas de linho e

uma toalha das prateleiras do vestiário e dirigiu-se ao tepidário. Estava vazio, por isso prosseguiu para o caldário, correndo a cortina de couro que havia no arco a dividir as duas salas. Apolónio estava sentado numa bancada do lado oposto, quase indistinguível à luz que uma pequena janela de vidro deixava passar. O seu corpo musculado rebrilhava de transpiração e levantou os olhos ao mesmo tempo que erguia ligeiramente a mão numa saudação.

— De volta do campo tão cedo?

Cato sentou-se na bancada oposta e relatou brevemente o que tinha acontecido. Apolónio deu um estalido com a língua.

— Isso é duro. E não é propriamente uma recompensa justa pelo teu serviço.

— Isso mesmo — concordou Cato com veemência. — Parece que afinal poderei não estar em condições de te oferecer uma posição na minha coorte. Peço desculpa por isso.

O liberto pensou por um momento.

— É pena. Mas nem tudo está perdido. A investigação pode ser-te favorável.

— É possível.

Apolónio examinou a expressão de Cato.

— Mas não provável, é o que estás a pensar.

— Eu não fui nomeado por Burro. Obtive o meu comando graças à influência de Narciso.

— E há muito que ele se foi — refletiu Apolónio. — Então não tens nenhum patrocinador no palácio que zele pelos teus interesses. Complicado.

— Para dizer o mínimo.

— Não existe ninguém no Senado a quem possas apelar para apoiar a tua causa?

Havia um senador em que Cato confiava, e que, achava ele, poderia dar-lhe alguma ajuda. Vespasiano tinha sido o comandante da Segunda Legião quando Cato se alistara. Desde então, os seus caminhos tinham-se cruzado por diversas vezes, e Vespasiano ficara impressionado com o seu desempenho. Contudo, a influência do senador era diminuta na atualidade, e Cato achou a ideia de abordar o seu antigo comandante mais do que o seu orgulho conseguiria suportar.

— Não. Estou por minha conta. Lidarei com isto sozinho.

Apolónio suspirou.

— O funeral é teu. Mas se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar, ficarei feliz por fazê-lo.



— Se chegarmos a esse ponto... Mas agradeço-te.

Fez-se um breve silêncio enquanto Cato começava a sentir a transpiração formigar e formar gotas na pele antes de começarem a escorrer-lhe pelo corpo.

— Dada a minha situação, poderás querer vincular-te a outra pessoa. Compreenderia se optasses por fazê-lo.

— Não há necessidade disso, por enquanto.

Cato olhou atentamente para o agente, por um momento. Aprendera a apreciar a aguda inteligência de Apolónio, bem como o seu educado entendimento do mundo. Além do mais, conhecera poucos homens que fossem tão hábeis com armas como o liberto. Embora tivessem servido juntos na embaixada de Corbulo à Pártia, e lutado lado a lado, Cato preocupava-se por ter apenas uma compreensão muito elementar do carácter e motivações do outro. Sentia o impulso para saber mais, e a mudança de circunstâncias encorajou-o a transgredir os limites da adequação social.

— Diz-me, Apolónio, porque deixaste o serviço de Corbulo para te juntares a mim?

— Foi um juízo bastante simples. Corbulo é já um homem do passado. Preciso de um patrocinador com futuro. Achei que tinhas esse potencial. Continuo a achar.

— Corbulo é um homem do passado? — Cato abanou a cabeça. — Foi-lhe dado um comando importante. Está a reunir um grande exército para invadir a Pártia. Se for bem-sucedido, ser-lhe-á dado um triunfo e será adorado pela multidão e pelo Senado. Diria que está longe de merecer esse género de anulação do seu poder e influência.

— Achas? — Apolónio levantou a mão para limpar o suor da testa. — Talvez deva explicar a minha ideia. Tens razão, Corbulo tem um exército poderoso atrás de si. Isso será a sua ruína, quer reclame vitória sobre os Partos, quer seja humilhado por eles. Se for bem-sucedido, eu estaria disposto a apostar que todos os senadores ambiciosos da capital vão ficar com inveja. Pior ainda, se se tornar o querido das massas, podes ter a certeza de que Nero vai querer cortar-lhe as asas o mais cedo possível, ou então pôr um fim ao perigo que ele representa com alguma acusação de conspiração. Se Corbulo falhar, Nero precisará de um bode expiatório. De qualquer das formas, Corbulo está condenado. É apenas uma questão de tempo até ele perder importância. Calculei que era melhor para mim transferir a minha lealdade para um patrono cuja carreira estava ainda em ascensão, mas não de forma tão perigosa. Duvido que alguém no palácio te veja como uma ameaça no futuro próximo.

Adequavas-te perfeitamente aos meus requisitos. Por isso, aqui estou eu, ao teu serviço.

Cato soltou uma risada seca.

— Pareces não ter muita fé na minha ambição. E isso dificilmente constitui a declaração de lealdade mais inspiradora que um cliente pode fazer.

— Talvez não. Mas acho que vais descobrir que é uma das mais sinceras e exatas que te será dado ouvir.

— Bem me parecia. — Cato riu-se novamente. — Mas, como eu disse, acho que, como as coisas estão, podes vir a dar-te conta de que te vinculaste a um patrono cuja fortuna não é provável que aumente.

— Nada de subestimações, senhor. — Era muito raro que Apolónio se lhe dirigisse como superior, e isso agradou a Cato. — Dado que eu te conheço a ti e ao teu engenho — prosseguiu o agente —, estou confiante em que sobreviverás à investigação e que a tua fortuna continuará a prosperar. Por isso, fico contente por me manter ao teu serviço.

— Assumindo que eu fico feliz por te manter ao meu serviço.

Apolónio sorriu com uma expressão sabida.

— Ambos sabemos que serias idiota em mandares-me embora.

Isso era verdade, admitiu Cato. Especialmente agora que Macro em breve obteria a sua dispensa. Seria bom ter Apolónio a seu lado numa luta, e era suficientemente astuto para ser útil como conselheiro. A sua veia implacável era o único traço a seu desfavor. Toda a sua motivação parecia residir em preocupações egoístas. Cato achava isso irritante, habituado como estava ao inestimável laço de lealdade e sinceridade que existira entre si e Macro ao longo dos últimos quinze anos. Levaria algum tempo a ajustar-se ao seu novo companheiro. Demoraria bastante mais tempo até confiar nele. Mas a confiança era um luxo que poderia não ser capaz de sustentar. No pé em que estavam as coisas, precisava de todos os aliados que conseguisse arranjar.